

INTRODUÇÃO

Partindo do primeiro objectivo¹ deste Workshop Internacional “Compreender o musseque de forma multidimensional de maneira a que a intervenção no seu espaço não signifique anular a sua identidade”, interessa à Curadoria orientar os seus convidados sobre o seu papel neste evento a acontecer entre 7 e 11 de Outubro de 2013.

Para tal, este Brief está desenhado em seis partes, a saber:

Tema: Transcrição do texto “Musseque” da Chamada de Trabalhos do Workshop Internacional.

Sobre o Tema e as fases do trabalho: Questões fundamentais

Sobre as dimensões da Sustentabilidade: Orientado para o debate multidisciplinar.

Sobre as dimensões da Urbanidade: Orientado para o debate de Arquitectura e Planeamento

Bibliografia: Fontes Primárias e Secundárias de suporte à construção do Tema.

TEMA

“No mundo, os assentamentos humanos informais, periféricos morfologicamente, exclusivos socialmente e degradados existem na grande maioria das cidades do mundo, quaisquer que sejam as origens da sua existência. Estes lugares estão transversalmente conotados com uma categoria particular; a da suburbanidade quer do ponto de vista da sua estrutura, infraestrutura e superestrutura. Embora a designação Slum², adoptada pelas Nações Unidas, seja comum a todos os assentamentos urbanos informais, a sua diversidade geo-antropológica é tanta quanto as designações locais; de Favelas a Chabolas, de Ghetto a Biddonville, de Township a Musseque³.

O Musseque em Angola surge na segunda metade do século XIX⁴. Inicialmente afirmando a divisão morfológica entre a cidade formal (população branca/europeia) e a informal (população negra/autóctone), mas evoluindo ao longo de mais de um século, para um lugar transcultural e miscigenado.⁵

Interessa para este workshop, perceber as múltiplas dimensões de urbanidade do musseque e como utilizar a arquitectura e o urbanismo como ferramenta de intervenção, capaz de interpretar o espaço geo-antropológico que são os musseques garantindo um processo de melhoria sustentável destes espaços tao particulares da forma urbana das cidades.

Partindo do conceito urbanidade como o que é característico do espaço urbano, importa a restrição à forma urbana e aos campos de estudo fundamentais;

a) Habitação; b) Equipamento; c) Estrutura Verde; d) Sistema Viário.

Partindo do conceito sustentabilidade, importa abordar as dimensões fundamentais que o estruturam;

¹ Vide “AP_Workshop Internacional_Brief para Participantes”. Página 2.

² “Slums are the precarious, environmentally degraded, and unplanned areas of cities.” (UNITED NATIONS. 2006)

³ Musseque. Do Kimbundo; Museke. Nome dado à areia vermelha característica de Luanda. A designação passou a ser referência dos bairros periféricos à cidade por não terem as ruas calçadas e os pavimentos das casas serem de terra batida.

⁴ “Foi nesta altura, pela primeira vez, que uma parte da população foi empurrada para a periferia, onde até existiam animais ferozes como leões.” (PEPETELA. 2009)

⁵ “ (...) esta entidade é um verdadeiro divisor de águas entre a cultura europeia e a africana. É nestes territórios que surge a miscigenação etnolinguística e com ela as mais extraordinárias manifestações culturais que caracterizam o Luandense e o seu *modus vivendi* com o carnaval, a música, a gastronomia e com uma semiótica urbanística peculiar. O musseque é ainda a fonte do caluanda.” (MINGAS: 2011)

a) a dimensão social b) a dimensão cultural c) a dimensão ambiental d) a dimensão económica.

SOBRE O TEMA E AS FASES DE TRABALHO

O musseque é claramente um espaço associado e/ou integrado em contexto urbano. Como tal tem uma componente histórica com mais de quatro séculos ligada ao pensamento escravocrata-colonial e que nos tempos de hoje, passadas quase quatro décadas de implementada a república angolana, continua enfermo dessa herança nefasta. Do objectivo principal deste workshop internacional, múltiplas questões se levantaram sobre este conceito cuja definição levanta mais dúvidas que certezas. Pretendemos com o debate entre colegas, abordar estas questões à luz da realidade contemporânea, ou seja, o Período Republicano Pós-Guerra⁶. Partindo do princípio que os musseques, não sendo na sua maioria “centros urbanos”⁷ estão quase sempre integrados em espaços urbanos, cidades⁸, então;

A definição “slum” (ONU) aplica-se ao musseque?

O musseque deverá ser proposto como um bairro⁹ com os seus elementos definidos em diploma próprio?

Quais são as características formais, funcionais e figurativas da Arquitectura nos musseques?

Quais são as características relevantes na forma urbana do musseque?

O musseque é fonte de cultura na cidade?

A dinâmica económica do musseque importa à cidade?

É legítimo “despreconceitualizar” o musseque?

A definição do conceito musseque como lugar urbano implicará a valorização do seu cidadão?

Importa reabilitar musseques à luz dos valores da cultura/filosofia Bantu?

1ª Fase

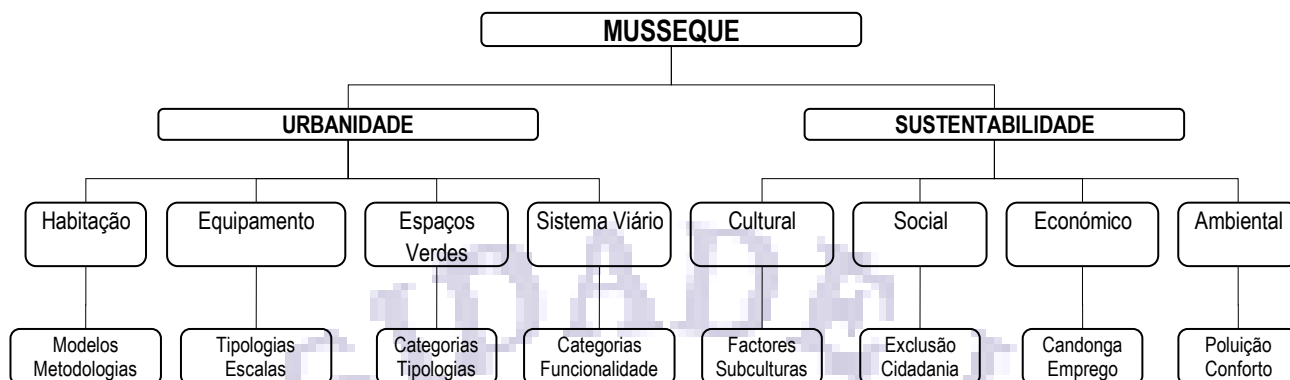
Uma vez colocadas estas questões, a primeira abordagem ao problema passa pelo debate à volta de diversas perspectivas quer da urbanidade, quer da sustentabilidade, em relação directa com o espaço urbano do musseque. Para esclarecer, no organograma temos o fenómeno organizado em; tema, subtemas, categorias e palavras-chave.

⁶ Proposto o primeiro decénio pós-guerra (2002 – 2012). Quaisquer abordagens fora deste horizonte temporal, deverão ser consideradas componente histórica e como tal, fundamentalmente para enquadramento do objecto de estudo. Sugerimos que, para melhor compreensão do fenómeno socio-cultural dos musseques em Angola, ou por equiparação no resto do mundo, os períodos historiográficos sejam abordados como; Escravatura (1575 – 1885), Colonial (1885 – 1975) sendo importante a Guerra Colonial de 1961 – 1975 e o Período Republicano no espaço cronológico a partir da Independência em 1975 até à actualidade, interessando a Guerra-Fria de 1975 – 1992 e a Guerra Civil de 1992 – 2002.

⁷ “Centros urbanos: as unidades de planeamento territorial que abrigam aglomerados populacionais que estão dotadas de infra-estruturas urbanísticas, designadamente, redes de abastecimento de água e de electricidade, de saneamento básico e cuja estruturação se desenvolve segundo planos urbanísticos aprovados ou, na sua falta, segundo instrumentos de gestão urbanística legalmente equivalentes;” DR (2007)

⁸ “Cidades: o aglomerado urbano assim classificado por normas de ordenamento do território, a que tenha sido atribuído foral e com o número mínimo de habitantes definido por lei;” DR (2007)

⁹ O bairro é a parcela mínima urbana, quer da estrutura regional do território nacional, como do foral da cidade. Interpretação feita com base na lei vigente em Angola, Lei Administração do Território; DR (2007)



É nossa expectativa que os autores convidados assumam uma palavra-chave e que a problematize em relação directa com o espaço-musseque. Concluimos que para as sessões de trabalho do 8º fórum (seminário e mesa redonda), o mais importante é debater as ideias iniciais, esclarecer as dúvidas comuns a todos os autores e conhecer as metodologias que cada um sugerirá para o desenvolvimento da sua escrita.

Pede-se que cada autor, apresente a sua proposta num resumo de 100 palavras (extensível a 300 palavras) que será apresentado nas sessões de trabalho através de slides em *powerpoint* num tempo de 15 a 20 minutos (dependendo da organização da sessão).

2ª Fase

Após conclusão dos trabalhos do workshop internacional, cada autor tem um prazo até 28 de Fevereiro de 2014 para elaborar o seu artigo de acordo com as conclusões articuladas ao longo dos trabalhos e com conclusões que constituam propostas de resolução aos problemas formulados.

3ª Fase

Os Artigos propostos pelos autores serão analisados e trabalhados pela Comissão Científica de maneira a construir um problema para projecto arquitectónico e urbanístico tendo como objecto de estudo um “musseque” na cidade de Luanda. Esse exercício será proposto entre outras, às universidades participantes no presente workshop internacional. Prazo de desenvolvimento das propostas; **1 de Março de 2014 a 31 de Agosto de 2014** (Regulamento a ser publicado com o lançamento do Concurso)

4ª Fase

Das propostas apresentadas, serão filtradas as componentes necessárias para a formulação dos paradigmas para o Tratado de Arquitectura e Urbanismo aplicado aos Musseques a ser apresentado para debate no segundo workshop internacional com o mesmo tema, previsto para o 9º Fórum de Arquitectura em 2014.

SOBRE AS DIMENSÕES DA SUSTENTABILIDADE

(Orientado para ARTIGOS, vide Chamada para os Trabalhos, página 2)

Dimensão Social (Palavras-Chave: Exclusão e a Cidadania)

O musseque, é hoje um lugar social referencial da pobreza, violência urbana e reivindicação pela igualdade social ao ponto de se ter tornado uma categoria identitária extensiva aos seus habitantes. Embora seja parte da cidade, o mesmo está à margem dos seus recursos económicos, culturais, sociais e ambientais diminuindo o acesso dos seus habitantes aos recursos e serviços disponíveis criando uma realidade de segregação e tornando urgente a necessidade de anular a exclusão social através de acções de ampliação da cidadania. Dentro de todos os formatos os que melhor se integram no discurso da urbanidade são; o da territorialidade da relação espaço-cidadania que atribui o valor do homem em função do seu território, ou seja, a componente espacial da pobreza e o do não-acesso aos benefícios dos serviços da cidade (habitação, e equipamentos).

Dimensão Cultural (Palavras-Chave: Factores de Cultura e as Subculturas)

A expressão do musseque na história urbana da cidade de Luanda, faz dele um lugar cultural de interesse especial. Alguns, transformaram-se em depositários da memória da cidade, da sua identidade humana e também lugar de transculturalidade, absorvendo a diversidade cultural e propondo novas identidades culturais urbanas. Embora discutível, essa perspectiva atribui ao musseque (casos específicos) a categoria de Sítio¹⁰. Como origem, do musseque provêm alguns dos factores de cultura mais significativos na compreensão do espaço público como a música, danças e gastronomia, embora muitas vezes com conotação pejorativa. Estes elementos, sustentam culturas e subculturas de personagens dominantes e predominantes no espaço da cidade. Relevante constatar os traços semelhantes a quase toda a urbanidade no continente bem como na diáspora.

Dimensão Económica (Palavras-Chave: Candonga¹¹ e Emprego)

A importância que a candonga tem na cidade de Luanda é indiscutível. Escoa a insuficiência que a sociedade tem para absorver a força produtiva da cidade gerando quer emprego, quer auto-emprego¹². A rua como espaço público é livre¹³ e é utilizada como local privilegiado para implementar essa dinâmica. No entanto, é exactamente essa assimilação/apropriação que é vista na perspectiva constitucional como uma violação à ordem pública¹⁴, facto que determina à partida a informalidade. Considerando a génese da acção de comerciar ao ar-livre como parte do património da urbanidade em Luanda, qual será a relevância de propor novos arquétipos para a forma urbana com o propósito de servir uma possível solução para o conflito entre a vocação mercantil da cidade e a cidade globalizada?

Dimensão Ambiental (Palavras-Chave: Poluição Ambiental e o Conforto Urbano)

Em termos ambientais, a cidade de Luanda está em colapso e o musseque é claramente o pior exemplo. A inexistência de uma estrutura verde de suporte, o deficiente sistema de saneamento, a densidade construtiva elevadíssima, entre outros factores, faz do musseque um território com alarmantes indicadores de baixa qualidade de vida¹⁵. Sendo o ambiente um valor social, a realidade degradada do musseque atenta contra um princípio constitucional que é o direito à qualidade de vida e ao ambiente sadio.

¹⁰ Sítio: "Obras do homem ou obras conjuntas do homem e da natureza, espaços suficientemente característicos e homogéneos, de maneira a poderem ser delimitados geograficamente, notáveis pelo seu interesse histórico, arqueológico, artístico, científico ou social". Alínea c), ponto 1, Artigo 6º (Disposições Gerais), subsecção I (Disposições Comuns), Secção I (Bens Materiais), Capítulo II (Regime Geral de Protecção do Património Cultural) da Lei do Património Cultural, Lei n.º 14/05 de 7 de Outubro. Vide (DR: 2005)

¹¹ Candonga. Do Kimbundo *kandonga*. Designação que significa (1) negócio ilegal na linguagem coloquial angolana (2) especular.

¹² "(...) conceito que se refere a quem exerce a profissão por conta própria, transformando sua expertise em um produto oferecido a empresas ou diretamente ao mercado", (NAVARRO: 2006).

¹³ ARTIGO 25.º 1. Qualquer cidadão pode livremente movimentar-se e permanecer em qualquer parte do território nacional, não podendo ser impedido de o fazer por razões políticas ou de outra natureza, excepto nos casos previstos no artigo 52º da presente Lei, e quando para a protecção dos interesses económicos da Nação a Lei determine restrições ao acesso e permanência de cidadãos em zona de reserva e produção mineira.

¹⁴ ARTIGO 52.º 1. O exercício dos direitos, liberdades e garantias dos cidadãos apenas podem ser limitados ou suspensos nos termos da lei quando ponham em causa a ordem pública, o interesse da colectividade, os direitos, liberdades e garantias individuais, ou em caso de declaração do estado de sítio ou de emergência, devendo sempre tais restrições limitar-se às medidas necessárias e adequadas à manutenção da ordem pública, ao interesse da colectividade e ao restabelecimento da normalidade constitucional.

¹⁵ "Recomendações da Mercer para auxílio de qualidade de vida. A Mercer avalia as condições de vida local em todas as 420 cidades pesquisadas mundialmente. As condições de vida são analisadas de acordo com 39 fatores, agrupados em 10 categorias: (1) Ambiente político e social - estabilidade política, crime, cumprimento de leis etc.; (2) Ambiente económico - regulamentações sobre taxa de câmbio, serviços bancários etc.; (3) Ambiente sociocultural - censura, limitações para liberdade pessoal etc.; (4) Saúde/vigilância sanitária - suprimentos e serv. médicos, doenças infecciosas, saneamento, descarte de resíduos, poluição ar; (5) Escolas e educação - padrão e disponibilidade de escolas internacionais etc.; (6) Serviços e transporte público - eletricidade, água, transporte público, congestionamento de trânsito etc.; (7) Recreação - restaurantes, teatros, cinemas, esportes e lazer etc.; (8) Bens de consumo - disponibilidade de alimentos/artigos de consumo diário, carros etc.; (9) Moradia - moradia, eletrodomésticos, móveis, serviços de manutenção etc.; (10) Ambiente natural - clima, registro de desastres naturais." MERCER. 2012

SOBRE AS DIMENSÕES DA URBANIDADE

(Orientado para PROJECTOS, vide Chamada para os Trabalhos, página 4)

Habitação (Palavras-Chave: Modelos e Metodologias)

Falar da arquitectura do musseque é falar de simplicidade e funcionalidade. O que se constrói, na esmagadora maioria, é produto de engenho e da ideia de espaço habitacional do seu cidadão. A construção da “casa própria” é marginal a regulamentos e não obedece a projectos arquitectónicos. Os modelos têm traços comuns, poucas variações e as metodologias podem ser vistas desde o sistema construtivo (lixo urbano para abrigos, adobe/cimento para edificações, etc.) até ao processo faseado, característico da auto-construção. A acção de construir/habitar não só é um manifesto de propriedade como também de noção de pertença entre os habitantes nos musseques pois o mesmo constitui um fenómeno comunitário.

Equipamento¹⁶ (Palavras-Chave: Tipologias e Escalas)

Na diversidade existente, importa para o trabalho a categoria económica nas tipologias associadas ao comércio e serviços, integrados na rede de equipamentos de proximidade. No musseque é perceptível a predominância destas tipologias por razões tradicionais e a sua conexão com o espaço urbano é indissociável do espaço público, semi-público. A articulação entre arquitectura efémera e o espaço público é fundamental para a construção de soluções adaptáveis que não se delimitem à realidade do musseque. Neste caso, a arquitectura define-se a si própria à revelia do espaço e manifesta-se como conjunto em função do lugar. *“Desta maneira, a Arquitectura efémera seria não somente um conceito aplicado à existência temporal de um objecto percebido (através dos sentidos básicos) como forma mas também como espaço onde a percepção determina a inteligibilidade do seu uso.”* (MINGAS: 2013)

Sistema Viário (Palavras-Chave: Categorias e Funcionalidade)

Não se dando a conhecer, o espaço público no musseque é um labirinto enganador e pouco atrativo, servindo o propósito de uma vida riquíssima e denunciadora da diversidade dos seus habitantes. Feito à margem da planificação geral, esta “cidade à parte” (BILAC: 1916) é uma mancha aleatória, consequência marginal da construção no espaço. Os conceitos da cidade modernista não se aplicam à leitura do espaço musseque pois a via serve um propósito de acessibilidade imediatista e peatonal. A sua utilização é subvertida e ensimesmada, um labirinto orgânico que serve mais para confinar alvéolos habitacionais do que para criar circulação/mobilidade.

Estrutura Verde (Palavras-Chave: Categorias e Tipologias)

O presente colapso ambiental da cidade de Luanda é em parte causador da degradação da saúde pública, da qualidade de vida dos cidadãos urbanos e do desempenho económico urbano. Representando o musseque, cerca de 40% da mancha urbana da cidade de Luanda e entre 70 - 75% da mancha metropolitana, e partindo do princípio que os espaços verdes são praticamente inexistentes, leva-nos a concluir que a optimização do espaço urbano levará à destruição de parte do existente para dar origem às quantificações mínimas previstas como fundamentais para o padrão recomendado para estrutura verde urbana¹⁷. Por outro lado, importa prever as tipologias e a sua implementação, quer em espaço público e privado.

¹⁶ “A palavra Equipamento, quando utilizada na linguagem dos arquitectos e urbanistas, refere-se à edificação destinada na sua utilização pelo utente à prestação de serviços públicos. Abrangendo à partida uma variedade imensa de programas, o equipamento distingue-se entre si em função de três categorias principais que são: A social (Administração Pública, Saúde, Educação, Assistência Social, Segurança Civil, Militar, etc.), A Económica (Mercados, Feiras, Centros Comerciais, Serviços, Indústria, etc.) a Cultural (Cinemas, Teatros, Clubes Desportivos, Centros Culturais, etc.). (MINGAS: 2011)

¹⁷ Cada ser humano tem necessidade de uma quantidade média de oxigénio igual à que pode ser fornecida por uma superfície foliar de 150 m². Tendo por base esta superfície, o valor global considerado desejável para a estrutura verde urbana é de 40 m²/habitante. Esta estrutura deverá ser constituída por duas subestruturas, para as quais se apontam as seguintes dimensões: estrutura verde principal – 30 m²/habitante e estrutura verde secundária – 10 m²/habitante. (FULGÊNCIO: 2012)

BIBLIOGRAFIA

- ACSELRAD, Henri. 1999. Discursos da Sustentabilidade da Urbana In: Revista Brasileira de Estudos Urbano e Regionais <http://anpur.org>
- AEDES (Ed.). 2012. Public Space by Atelier Bow-Wow, Tokyo In the State of Spatial Practice. AEDES
- AMADO, Miguel. 2005. Planeamento Urbano Sustentável. Caleidoscópio
- AMADO, Miguel. 2007. Planeamento Urbano Sustentável: Processo Operativo in Revista Lusófona de Arquitectura e Educação RECIL - Repositório Científico Lusófona
- ARNALDO, Carlos 1996 Comércio informal e ocupação da força de trabalho no bairro da Malanga Repositório Científico de Moçambique
- AUGÉ, Marc 1994 Não - lugares. Introdução a uma antropologia da sobremodernidade, Bertrand Editora, Venda Nova,
- BADER SAWAIA (Org.) 2001 As Artimanhas da Excusao: Análise Psicossocial e ética da exclusão. 2ª ed. Editora Vozes
- BAEZA, Alberto Campo 2011 Pensar Com as Mãos. Editora: Caleidoscópio Ano: 2011
- BENEVOLO, Leonardo, 1984 A cidade e o arquitecto. Edições 70, Lisboa, 1984.
- BETTENCOURT, Andrea 2011 Os musseques de Luanda. Qualificação e reabilitação de áreas urbanas críticas REPOSITÓRIO - repository.utl.pt
- BILAC, O. 1916. "Fora da Vida", in Ironia e Piedade. São Paulo
- BIRMINGHAM, David 1991 O Carnaval em Luanda in Birmingham "Empire in Africa: Angola and its Ne" Ohio University Press
- CARVALHO, Virgílio J. Miranda 1998 Pessoa humana e ordem de direito, Edição do autor, Coimbra,
- CASTELLO, Iára Regina 2008 Bairros, loteamentos e condomínios: elementos para o projeto de novos territórios habitacionais Editora da UFRGS, 2008
- COMIN VARGAS, Heliana, HOWARD CASTILLO, Ana L. 2009 Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados Manole, 2009 - 289 páginas
- COSTA, Heloisa 1999 Desenvolvimento Urbano Sustentável: Uma Contradição de Termos In: Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais <http://anpur.org>
- CRATERRE (Ed.) 2006 Traité de construction en terre. Editions Parenthèses, 2006 (3ème édition)
- De CERTEAU, Michel 2011 The Practice of everyday life University of California Press
- DR - República de Angola (Org.) 2006 Regulamento Geral dos Planos Urbanísticos e Rurais Decreto Executivo 02/06 Imprensa Nacional
- DR - República de Angola (Org.) 2007 Regulamento Geral das Edificações Urbanas Decreto Executivo 13/07 Imprensa Nacional
- DR - República de Angola (Org.) 1992 Lei Constitucional Imprensa Nacional
- DR - República de Angola (Org.) 2010 Lei Constitucional Imprensa Nacional
- DR - República de Angola (Org.) 2007 Lei da Administração do Território Lei 02/07 Imprensa Nacional
- DR - República de Angola (Org.) 2004 Lei do Ordenamento do Território e Urbanismo Lei 03/04 Imprensa Nacional
- DR - República de Angola (Org.) 1998 Lei de Bases do Ambiente Lei 05/98 Imprensa Nacional
- DR - República de Angola (Org.) 2004 Lei de Terras Lei 09/04 Imprensa Nacional
- DR - República de Angola (Org.) 2005 Lei Lei do Património Cultural Lei 14/05 Imprensa Nacional
- DUCADOS, Henda, ENNES FERREIRA, Manuel 1998 O Financiamento informal e as estratégias de sobrevivência económica das mulheres em Angola: a kixikila no município do Sambizanga (Luanda) Repositório UTL
- EDENSOR, Tim, JAYNE, Mark (Ed.) 2012 Urban Theory beyond the west. A world of cities Routledge
- EPPINGHAUS, Annie Goldberg 2004 Influência do projecto no processo de apropriação dos espaços públicos em áreas residenciais: o caso da Barra da Tijuca REPOSITÓRIO - fau.ufrj.br
- FERNANDES, António T 1999 Espaço Social e suas Representações in A. T. Fernandes, Para uma sociologia da Cultura, Porto, Campo das Letras Editores.
- FORTUNA, Carlos 1999 Identidades, Percursos, Paisagens Culturais Editores Celta, Oeiras
- FREIRE, João. 1994. O Auto-emprego: Alguns comentários sobre dados recentes. Revista Crítica de Ciências Sociais. N.º 40

- FREIRE-MEDEIROS, Bianca 2006 Favela como Património da Cidade? Reflexões e Polêmicas acerca de dois museus. in Revista de Estudos Históricos n.38, p.49-66, Estudos históricos, Rio de Janeiro
- FULGÊNCIO, Cláudia. A importância dos espaços verdes urbanos. Consultado em 2012. Disponível na internet em: <http://natura-link.sapo.pt/Natureza-e-Ambiente/Interessante/content/A-importancia-dos-Espacos-Verdes-Urbanos?bl=1>
- GANDUGLIA, Maurício 2012 Arquitectura de Terra no Moxico EAL - Edições de Angola
- GELDER, Ken 2005 The field of subcultural studies in The Subcultures Reader Routledge
- GOMES, Paulo Cesar da Costa 2002 A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade Bertrand Brasil, 2002 - 304 páginas
- HABERMAS, Jürgen 1989 La esfera pública (Trad. Daniel Giménez) Universidad Diego Portales
- HALL, Peter 2007 Cidades do amanhã: uma história intelectual do planeamento e do projeto urbanos no século XX. Perspectiva, 2007 - 578 páginas
- HEBDIGE, Dick 1979 Subculture the meaning of style Routledge
- HEENE Andreas, SCHMITT Heinrich 2009 Tratado de construcción Editorial Gustavo Gili, S.A., 2009 - 710 páginas
- HETHERINGTON, Kevin 1997 The badlands os Modernity. Heterotopia and social ordering Routledge
- LAMAS J. R. 2004 Morfologia Urbana e desenho da Cidade, 3a edição undação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- LAMAS, José Manuel Ressano Garcia 1993 Morfologia urbana e desenho da cidade Fundação Calouste Gulbenkian, 1993 - 564 páginas
- LEFEBVRE, Henri 1991 The production of space Blackwell Publishing
- LENGEN, Johan van 2004 Manual do arquiteto descalço Empório do livro, 2004 - 697 páginas
- LOURES, Luís 2010 Acupuntura Urbana como estratégia de revitalização do espaço rural. O caso de estudo do nordeste algarvio REPOSITÓRIO - comum.rcaap.pt
- MAEDA, John 2007 As Leis da Simplicidade NOVO CONCEITO
- MAFRA, Francisco, SILVA J. Amado 2004 Planeamento e gestão do Território SPI - Sociedade Portuguesa de Inovação
- MCGUIGAN, Jim 2009 The cultural public sphere: a critical measure of public culture? Taylor & Francis, 1996
- MILES, Malcom 2007 cities and cultures Routledge
- MINGAS, Ângela 2011 O Espaço Geo-Antropológico do Centro Histórico de Luanda Edição do autor, Luanda
- MINGAS, Ângela 2013 (Coord.) . Arquitectura Efémera. Projecto de Pesquisa Integrada. ULA
- MONTESSORO, Cláudia 2006 Centralidade Urbana e Comércio Informal: Os novos espaços de consumo no centro de Anápolis-GO Universidade Estadual Paulista
- MORÁN RODRIGUÉZ, Maria de los Angeles 1998 Arquitectura popular y Medio Ambiente Universidad Complutense - Madrid
- NAVARRO, Leila. 2006. O Auto-emprego É Sua Carta na Manga - Vol. 3. Editora Saraiva, São Paulo
- PACHECO, Maria Cristina 2002 Imagens de Luanda na Literatura Angolana Universidade do Porto
- PARDAL, S.C. 1989 Planeamento do território. Instrumentos para a análise física, Livros Horizonte, Lisboa, Col. Espaço e Sociedade, nº9.
- PASQUAL, Maria Oliveta Albano 2008 Espaços Verdes Urbanos. Importância na Dinâmica da Cidade Universidade Estadual do Maringá – Brasil
- PEPETELA. 2009. Musseque de Luanda nasceu na Ingombota. Jornal de Angola, (Sem número), p. 5. Publicado aos 25 de Janeiro de 2009. Acessível no Arquivo Documental do NEAAUD - Universidade Lusitania de Angola, Luanda, Angola
- PREO, Valéria, CARDOSO, Adalberto, ELIAS, Peter 2005 Discriminação no mercado de trabalho: o caso dos moradores de favelas cariocas Coleção Estudos Cariocas
- RESENDE, José, VIEIRA, Maria Manuel 1992 Subculturas Juvenis nas Sociedades Modernas in Revista crítica de ciências sociais, , Edições 34-35 Centro de Estudos Sociais
- REYES, P., LACALLE, I., LECUMBERRI I., VAZQUEZ J. 2013 La Arquitectura Anónima de las Favelas Blogspot
- RIVAS, Juan Luís 1992 El espacio como lugar – sobre la naturaleza de la forma urbana, Publicações Universidade de Valladolid, Espanha.
- ROSSI, Aldo 2001 A Arquitectura da Cidade de 2001 Editor: Edições Cosmos

- RUDOLFSKY, Bernard 1965 Architecture without Architects. A short introduction to non-pedigreed architecture
The Museums of Modern Art, New York
- SANTOS Luís Delfim, MARTINS, I., BRITO, P. 2005 O Conceito de Qualidade de Vida Urbana na Perspectiva dos Residentes na Cidade do Porto". Estudos Regionais 9 (2005): 5-18.
- SANTOS, Luís, MARTINS, Isabel, BRITO, Paula 2005 O Conceito de qualidade de vida urbana na perspectiva dos residentes na cidade do Porto in Revista Portuguesa de Estudos Regionais. Nº 9 Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional
- SANTOS, Oulemi Aparecido 2007 Musseques e Favelas - Devaneios de Esperança Revista Crioula
- SARAIVA, Camila, MARQUES, Eduardo 2007 A Dinamica Social das Favelas da Região Metropolitana de São Paulo Estudos sobre a Pobreza
- SEIXAS, João, COSTA, Pedro 2008 Das Cidades criativas à Criatividade Urbana Fundação Calouste Gulbenkian
- SILVA, M. C. e SILVA, S. 2011 Etnicidade, subclasse e exclusão social in Revista Latina de Sociología, no 1: 209-223 Universidade Da Coruña
- SOLÀ-MORALES, Ignasi de 2002 Territorios Editorial Gustavo Gili, S.L., 2002 - 207 páginas
- SOLÉS I COLL, Gemma (Coord.) 2011 Kuduro felicidad para masas y musseques - <http://www.wiriko.org/wiriko/kudurofelicidad-para-masas-y-musseques/> Wirico.org
- TARDIN, Raquel 2008 Espaços Livres: Sistema e Projeto Territorial. Editora: 7 Letras
- TEMPELS, Placide. 2012. A Filosofia Bantu. Tradução de A. Mingas e Z. Ntondo. 1ª Ed. Edições Kuwundula
- UN (Ed.)2006 UN-Habitat SLUM UPGRAIDING FACILITY. A response to the Challenge of Slums UN HABITAT
- UN (Ed.)2012 WORLD URBAN CAMPAIGN UN HABITAT
- UN (Ed.)2008 A UNESCO e as Cidades: Uma Parceria UNESCO - Brasil
- VAN DER WINDEN, Bob (Ed.) 1996 A Family of The Musseque: survival and development in postwar Angola One World Action
- WIRTH, Louis, 1997 O Urbanismo como Modo de Vida in Carlos Fortuna (org.) Cidade, Cultura e Globalização, Oeiras: Celta Editora.